

Jesus, ocultava o que o enaltecia e valorizava. Concretamente, no que diz respeito ao “saber” e ao “poder”, Jesus passou quase toda a sua vida num quase completo anonimato. Esta foi uma atitude central na conduta de Jesus face à vida e à sociedade.



a vida oculta de Jesus

NA ÉPOCA DE NATAL, COMO É LÓGICO, A LITURGIA recorda-nos os textos referentes à **infância de Jesus**, contidos nos evangelhos de Mateus e Lucas. Estes textos, como é sabido, falam-nos de factos prodigiosos que os habitantes da Judeia e da Galileia tiveram oportunidade de observar, aquando da vinda a este mundo de João Batista e de Jesus de Nazaré.

São abundantes os estudos, as investigações e as análises bem documentadas, levadas a cabo e publicadas por especialistas na investigação destes textos. Se, de facto, em Nazaré, Belém e Jerusalém ocorreram as coisas que se contam – e tal como se contam – nos textos do nascimento e da infância de Jesus, é **um assunto muito discutido**, e sobre o qual existem numerosas e muito diversas opiniões dos peritos.

Seja lá como for, do conjunto destas opiniões ressalta, **“para os cristãos”, um facto de extrema importância. O nascimento de Jesus** representou, ao fim e ao cabo, pelo menos um acontecimento fundamental: mediante este nascimento, Deus entrou na história da humanidade e tornou-se presente entre nós. Por isso (perante um facto de tal importância), é perfeitamente razoável pensar que tal acontecimento se faça acompanhar de fenómenos que deverão ter chamado a atenção das pessoas. E é isso que, duma ou doutra forma, se nos recorda nos textos sobre a infância de Jesus.

Ora, posto isto, **o problema** mais sério coloca-se-nos quando nos pomos a pensar na forma como se pode (ou deve) ter desenvolvido a infância, a juventude e a vida adulta daquele menino e daquele jovem, que foi Jesus de Nazaré. Ou seja, **aquele período que costumamos denominar “a vida oculta”** de Jesus o Nazareno. **Por que razão isto constitui um problema e, certamente, um problema que nos dá muito que pensar?**

A **dificuldade** que a situação acarreta compreende-se já de seguida. O evangelho de Marcos diz-nos que, quando os parentes de Jesus viram a vida que ele levava, totalmente dedicado às pessoas, a ponto de não ter tempo nem para comer, foram ter com ele e levaram-no à força, “porque diziam que não estava bom da cabeça” (Mc 3, 21). **Sem dúvida que, para as pessoas muito “religiosas” e submissas às “leis clericais” (ou equivalentes), o Evangelho e quem a ele se**

entrega de verdade, torna-se insuportável.

Mas o que acabo de contar não é **o mais grave**. O próprio Marcos nos informa – com a confirmação dos outros sinópticos (Mc 6, 1-6; Mt 13, 53-58; Lc 4, 16-30) de algo que nos deixa completamente esmagados.

Quando Jesus se dirigiu pela primeira vez à sua terra (Nazaré), depois de ter dedicado toda a sua vida a anunciar o Evangelho, ao pôr-se a ensinar na sinagoga, **os habitantes da aldeia ficaram “impressionados”** (Mc 6, 1) e perguntavam uns aos outros: “Donde é que lhe vêm estas coisas e que sabedoria é esta que lhe foi dada?” Aos **conterrâneos** de Jesus não lhes entrava na cabeça que o filho duma família assim tão vulgar, tivesse aprendido coisas tão sublimes, e que fizesse prodígios tão admiráveis. Mais ainda, tudo aquilo “deixava escandalizados” tanto os parentes como os vizinhos de Jesus de Nazaré. E o que é mais grave, ainda: **Jesus sentiu-se “desprezado”** até pela sua própria família (Mc 6,4)

Ninguém conheceu a “**vida oculta**” de Jesus. Nem os seus conterrâneos. Nem a sua família mais chegada. A expressão “vida oculta” pode, até, referir-se a algo que corresponde, exatamente, ao contrário daquilo que costuma ocorrer com quase toda a gente. Quase todos costumamos ocultar o que nos envergonha na vida.

Jesus, pelo contrário, ocultava o que o enaltecia e valorizava.

Concretamente, **no que diz respeito ao “saber” e ao “poder”**, Jesus passou quase toda a sua vida num quase completo anonimato. Esta foi uma atitude central na conduta de Jesus face à vida e à sociedade.

Veja-se, **no polo oposto**, a atitude de tantos dos **nossos intelectuais, dos nossos políticos, dos nossos clérigos e mosenhores...** E, até, do nosso vizinho da esquina, que sabe sempre tudo, manda em tudo e tem soluções para tudo. Que pobres homens nós somos! E é assim, à custa de situações ridículas e de mentiras, que pretendemos melhorar este mundo?

Estamos, de facto, perante “**O Grande Teatro do Mundo**”.

José Maria Castillo

<http://blogs.periodistadigital.com/teologia-sin-censura.php/2019/01/01/la-vida-oculta-de-jesus>

VP, 50 anos – D. Manuel Linda: Voz Portucalense Uma voz para a Voz

A nossa fé arranca da Palavra dita e da Palavra escrita. Palavra com maiúscula, pois não se reporta a uma mera sensatez ou sabedoria humana, a uma especulação abstrata, mas à comunicação da Vida que existia antes do mundo e que, a dado momento da história, se tornou diálogo com cada homem e mulher que nele habita. É um Verbo que foi anunciado pelos patriarcas e profetas e “se fez carne e habitou entre nós”.

Este Verbo revela e opera pela Palavra: prega as vias de acesso ao Pai, proclama que é possível uma fraternidade de irmãos, exemplifica em que consiste o perdão e a paz, pela mansidão da sua fala, aproxima os mais frágeis ou fragilizados, em favor de quem realiza obras de salvação. E confia à comunidade dos seus seguidores a tarefa de continuar esta missão. Por isso, deu-lhe uma ordem: “O que vos digo em privado, dizei-o à luz do dia; e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o do alto dos telhados” (Mt 10, 27).

A partir daí, os seus amigos e servidores jamais esqueceram o valor operante e criador da Palavra: pregaram às multidões, escreveram longas cartas ou simples bilhetes postais, replicaram a Palavra apreciada, difundiram-na com a imprensa, socorreram-se de todos os meios que os tempos puseram à sua disposição. Leram-na, meditaram-na, difundiram-na, rezaram-na. E alimentaram-se dela.

Mas um dos instrumentos mais usados foi e continua a ser o dos jornais: aí, a mensagem resiste um pouco mais à voracidade da “aceleração da história” e da nossa incapacidade de parar por uns momentos para absorver. E, fundamentalmente, faz com que os acontecimentos se constituam em específica linguagem que fala de maneira mais performativa e arrasta pelo entusiasmo contagiante.

É esta a razão pela qual as dioceses investiram tanto nos seus jornais oficiais ou oficiosos. E é também este o motivo que «forçou» a passagem de “Voz do Pastor” a “Voz Portucalense”: que não fosse, apenas, um arquivo para os textos do bispo, mas a comunicação da vida de uma Igreja que proclama a fé, gera fraternidade, perdoa e é perdoada, volta-se para os carenciados e, pelo exemplo, incentiva a prática das boas obras.

É isto que a nossa “Voz Portucalense” tem feito e continuará a fazer. Porque ela sabe e todos sabemos que é imprescindível nesta tarefa de comunicar a vida da comunidade diocesana, expressão, ainda que pálida, da vida do Verbo. E a isto é que chamamos “pastoral”.

Por isso, mais do que a nossa voz, este jornal é e será a voz da Voz: a voz do Verbo.

+ *Manuel Linda*, bispo do Porto

<http://www.vozportucalense.pt/2019/01/07/vp-50-anos-d-manuel-linda-uma-voz-para-a-voz/>



a pobreza é uma opção política

AS FORTUNAS dos super-ricos aumentaram 12% em 2018, ao ritmo de 2,5 mil milhões de dólares por dia. No mesmo período, 3,8 mil milhões de pessoas, que constituem a metade mais pobre da humanidade, viram decrescer os seus bens em 11%. Vinte e seis ultramilionários possuíam, o ano passado, a riqueza equivalente à da metade mais pobre do planeta.

Uma concentração de enormes fortunas nas mãos de poucos, que, segundo o último relatório da Oxfam que desde hoje está a ser analisado pelos participantes no Fórum Económico Mundial, em Davos, evidencia a iniquidade social e a insustentabilidade do sistema económico.

A nível global, regista-se também uma forte discriminação de género. As mulheres ganham em média 23% menos em relação aos homens, que controlam mais de 86% das empresas.

Além disso, o trabalho de cuidar, que não é retribuído e que, na maior parte dos casos, é confiado às mulheres, representa «um enorme subsídio escondido à economia», que, «paradoxalmente, amplifica as desigualdades económicas porque afeta sobretudo as faixas mais pobres da população».

Como se não bastasse, as opções políticas agravam o diagnóstico. Os serviços públicos são sistematicamente subfinanciados ou são entregues a entidades privadas, com a consequência de que muitas vezes os mais pobres são deles excluídos.

É por isso que em muitos países uma educação e uma saúde de qualidade tornaram-se um luxo que só os mais ricos podem permitir-se. Com efeito, regista-se que diariamente morrem 10 mil pessoas no mundo porque não conseguem pagar as despesas médicas.

Como consequência, nos países em via de desenvolvimento uma criança de uma família pobre tem o dobro das possibilidades de morrer durante os primeiros cinco anos de vida em comparação com um dos seus pares ricos.

Também as perspetivas de vida são muito diferentes. No Quénia, por exemplo, uma criança rica frequentará a escola pelo dobro dos anos em relação a uma proveniente de uma família desfavorecida.

O documento evidencia igualmente a responsabilidade dos governos, que demoram a adotar medidas eficazes para deter a desigualdade crescente. Além do subfinanciamento, a luta à fuga fiscal está estagnada, enquanto que as grandes empresas e os super-ricos contribuem fiscalmente menos do que quanto poderiam.

90 ANOS



o querido *Borda* *d'Água...*

Sou um leitor fiel, há muitos anos, do “*BORDA D'ÁGUA*”. Aqui está o meu exemplar, na edição dos noventa anos. Foi uma tradição deixada pelo meu avô, que fazia da vida do campo o seu quotidiano. Lembro-me do seu Almanaque cuidadosamente anotado a lápis – ora com as

lembranças e com os compromissos a realizar, ora para dar nota das boas e das menos boas colheitas. Nunca usava a expressão má colheita, todas eram resultado da graça de Deus – com maior ou menor fortuna. E foi ele que me contou pela primeira vez a história de José do Egípto. Havia que poupar e não desperdiçar, que prevenir e que guardar, que cuidar e que proteger. O trigo ou o milho multiplicavam-se e os melhores e menos bons momentos eram criteriosamente referenciados. Anos havia em que a floração das plantas e das árvores era mais tardia ou serôdia, como aconteceu neste ano de 2018, e outros eram mais prematuros ou temporãos. E nos calendários tudo era anotado. Pelo S. João havia os primeiros figos, em Agosto anotava-se o número de milhos-reis ou milhos-vermelhos, pelo S. Miguel havia as vindimas, em outubro colhiam-se as romãs. E havia o varejo das amêndoas, das alfarrobas e das azeitonas – com vara e redes... Estou a recorrer à memória, sem ter o cuidado de ir rever a coleção dos *Borda d'Água* de meu avô – e dentro das folhas havia orações para as boas colheitas – a agricultura ligava-se à fé, e o espírito franciscano aí pairava numa genuína atitude ecologista, como diríamos hoje... Cada mês tem a sua especificidade, cada tempo tem o seu valor – e o culto dos campos permite compreender a natureza como natural prolongamento de nós mesmos. Que são as verdadeiras Humanidades senão a procura do equilíbrio entre o

desejo e a lembrança? Duarte Nunes do Leão dizia por isso que essas eram as características da saudade. E como não considerar a “*Menina e Moça*” de Mestre Bernardim e o “*Grande Sertão*” de Guimarães Rosa os mais belos romances de amor da literatura da língua portuguesa? Mas o *Borda d’Água* tinha ditos e provérbios inesquecíveis: o mesmo solo que te faz cair, faz levantar-te (adágio hindu); transportai um punhado terra todos os dias e fareis uma montanha (Confúcio); quem na sopa deita vinho de velho se faz menino; à boa fome não há mau pão; dinheiro compra pão não compra gratidão; cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso... Era um não mais acabar... Para terminar por hoje, no final deste ano do Património Cultural fica a ideia simples que é de vida que falamos. Referi aqui de muitas coisas – desde as pedras às tradições, da natureza às paisagens, dos transportes às culturas... E termino com sempre fiz neste *Tu cá tu lá*. Com um poema, desta feita de um amigo de meu Avô, que tantas vezes lhe arranjava o *Borda d’Água*. Falo de António Aleixo, também amigo do Professor Joaquim Magalhães, que saudosamente aqui recordei há dias. E é de amor que aqui fala o poeta! Que melhor fecho para este Ano...

«Que feliz destino o meu
Desde a hora em que te vi;
Julgo até que estou no céu
Quando estou ao pé de ti.»

GLOSAS

Se Deus te deu, com certeza,
Tanta luz, tanta pureza,
P’rò meu destino ser teu,
Deu-me tudo quanto eu queria
E nem tanto eu merecia...
Que feliz destino o meu!

Às vezes até supponho
Que vejo através dum sonho
Um mundo onde não vivi.
Porque não vivi outrora
A vida que vivo agora
Desde a hora em que te vi.

Sofro enquanto não te veja
Ao meu lado na igreja,
Envolta num lindo véu.
Ver então que te pertences,
Oh! Meu Deus, quando assim penso,
Julgo até que ‘stou no céu.

É no teu olhar tão puro
Que vou lendo o meu futuro,
Pois o passado esqueci;
E fico recompensado
Da perda desse passado
Quando estou ao pé de ti.

Votos de Bom Ano Novo!

Agostinho de Moraes

Quando perder é ganhar

NO CALENDÁRIO CRISTÃO, o Domingo não pertence ao fim da semana, mas ao seu começo, celebrando a renovação da esperança, a virtude da não desistência. Como o nome indica, nasceu da vitória de Jesus sobre a morte, proclamado por Deus, Senhor da vida. É o dia em que a Igreja de todos os tempos e lugares, povos e culturas, convoca os cristãos para a festa da alegria.

Já foram adiantadas muitas explicações para a grande baixa na frequência da celebração semanal da Eucaristia, sobretudo na Europa. Para além daquilo que as ciências humanas podem estudar, parece-me que as lideranças católicas esqueceram que, no momento em que os chamados “mandamentos da Igreja” perderam a força de uma convicção interior assumida, era necessária uma pastoral baseada no princípio do próprio Jesus: será que as regras e as formas destas instituições estavam aptas a

servir a via cristã num contexto cultural inteiramente novo?

Sem a cultura da criatividade das comunidades, a não confundir com o culto da banalidade, será sempre curta qualquer reforma litúrgica. Ainda há muito pouco tempo, alguém me observou que não se pode continuar a dizer solenemente: meus irmãos, estamos aqui para celebrar a grande festa da nossa fé e, depois, inaugurar apenas uma grande seca. Textos, muitas vezes belos, que morrem ao ser mal lidos, cânticos sem alcance musical envolvente, pessoas sem corpo, estacas que se movimentam apenas para estender a mão em sinal de paz e para receberem a hóstia santa. Entram na Igreja sem se conhecerem e saem só com as relações que já tinham! Qual o caminho para se perceber que a celebração é um acontecimento de revisão cristã da semana anterior e de relançamento da esperança activa, para uma nova semana mais criativa?

(Fr. Bento Domingues, OP, no *Público* de 2019.01.20)